

TRIBUNA LIVRE

31
DEZEMBRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

MAIS UM ANO, O SEXTO DOIS HOMENS, UM JORNAL

Passa hoje mais um aniversário deste jornal, muitas canseiras se venceram muitas se avizinham, pois de canseiras é a vida feita. Transcende, todavia, grande importância, saber-se que este semanário já não pertence ao número das coisas que nascem para se auscultar das possibilidades de vida, mas pelo contrário, tudo ensina que vai ter vida longa.

Nascido para combater, para tirar o concelho do atraso em que o vatarem, de combate tem sido toda a sua vida e não é de presumir que tenha de mudar de directriz.

Tem também sido claro o seu combate no campo das ideias e no do interesse Nacional, aqui posto sempre acima de todos os particularismos.

De quanto se conseguiu

localmente muito lhe deve o concelho. Mesmo aqueles a quem o despeito fere não podem ocultar que se caminha numa recuperação decidida e firme.

De quanto se defendeu no campo Nacional se vai encarregando o tempo de mostrar como a razão existe. Governação lúcida, ou seus esforços no sentido de manter a integridade do País tem sido a preocupação dominante. Ao problema de Angola, resolvido victoriosamente, secedeu-se o de Goa em que a causa Nacional não saiu manchada.

Estamos em crer, temos fé que é certeza, que nas suas parcelas essenciais o nosso território não será mutilado e Portugal continuará nos vários continentes a fazer tremular a sua bandeira.

Ao iniciar a ano de 1962, que é também um novo ano da sua publicação, «Tribuna Livre» saúda os seus colaboradores, assinantes e amigos, prometendo-lhes a continuação dos seus esforços a bem do Concelho e da Nação e na linha recta das ideias que abraça.

Ao passar o aniversário da fundação deste jornal parece oportuno fazer algumas referências aos homens que tornaram possível o seu nascimento e a sua continuação.

Tudo foi possível graças ao espírito desempoeirado e decidido do seu director sr. Dr. António José da Costa e

pelas possibilidades duma grande unidade industrial que honra o concelho e de que é proprietário o editor sr. Paulo Barbosa de Macedo.

Ao seu director deve o jornal não só o iniciar dos passos como o seu caminhar, além da directriz clara, sem procurar comodismos nem agrados fáceis. Ultimamente, uma vida profissional intensa, sem momentos vagos, prova de rotundo êxito na vida abraçada da advocacia, não lhe tem permitido a assistência de que este órgão necessita. Não fora a insistência da direcção do jornal e teríamos de verificar a sua ausência.

Venha, todavia, ela a operar-se, fruto de circunstân-

O Excesso prejudica sempre

Difícilmente se encontraria uma prova que incitasse realmente a favor do excesso. É que, de facto, tanto no prazer como na dor na miséria como na fortuna, na indigência como na abastança, no trabalho como no descanso, o excesso é sempre pernicioso.

O próprio conforto, que é, sem dúvida, uma das mais belas conquistas da civilização contemporânea, pode transformar-se facilmente em factor de degenerescência, se não surgir em defesa do ser humano o natural tédio de tudo o que é trivial ou facilmente adquirido. Até a beleza não escapa a esta regra axiomática, pois o belo, demasiadamente contemplado, não raramente se esbate no

nevoeiro da monotonia. Até a riqueza, sendo excessiva, talvez faça mais mal do que bem, pois há muitos ricos cujas fortunas não lhes permitem ver o que há de gran-

(Continua na 5.ª página)

Continua na 4.ª página

Notícias para Angola

As festas do Natal e o fecho do ano de 1961 são delorosas para a família militar e civil portuguesa. Tanto para vós como para os que cá estão as horas dramáticas que acabamos de passar com os acontecimentos da Índia e com a falta de apoio material das Nações amigas que se limitam a deplorar os acontecimentos e a condenar a selvageria do do Pandita Nehru, abala o moral de qualquer português ainda que formada pela mais sólida estrutura. Assim os soldados e o povo de Goa, Damão e Diu lá estão sozinhos com a sua sorte entregue às mãos de Deus e ao martírio infligido por essas aves de rapina a cumprir ordens daqueles que querem dominar o Mundo com o sacrifício de vidas e liberdade condicionada.

A Hungria e Berlim, para não falar nas restantes Nações,

são um exemplo flagrante do que temos de sofrer se alguns países poderosos e com possibilidades não tomarem uma atitude decisiva que ponha termo á total destruição da liber-

(Continua na 3.ª página)

A GUINÉ PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

Continuação do número anterior

As mulheres indígenas, por vezes, tiveram uma acção preponderante como nossas dedicadas aliadas, mas também as houve que se nos opuseram pela força das armas, como, por exemplo, Bebiã Vaz, de Cacheu.

Finda a gestão da Companhia de Cacheu, foi restabele-

cida a administração directa do Estado, o que também não agradou aos comerciantes daquela Praça.

Continua na 5.ª página

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação do número 305)

— Deixemos isso por agora, disse Natália levantando-se. Queres vir até á Baixa? Necessito fazer umas compras e aproveitava o dia de hoje.

— Pois sim, prima. É pode ser que alguma coisa me agrade também.

As duas apareceram daí a pouco prontas para sair, no patamar das escadas e enquanto Natália fazia umas recomendações á criada, Cecília ia

dando um último retoque de baton nos lábios servindo-se do pequenino espelho da bolsa de couro preto preto que levava consigo e condizia perfeitamente com os sapatos e luvas pretas e uma blusa branca sob um casaco de amarelo claro.

Desceram e uma vez na rua esperavam que um taxi passasse e as conduziisse ao Rossio,

Levaram todo o resto da manhã e parte da tarde percorrendo os estabelecimentos onde uma e outra fizeram várias compras.

Cecília gostou imenso, pois teve oportunidade de observar as deferências dos empregados e patrões que denotavam esperada educação que fazia um contraste com os da Província rudes e grosseiros. Não era

(Continua na 5.ª página)

Pela passagem de mais um aniversário,

TRIBUNA LIVRE

Cumprimenta os seus assinantes e colaboradores, e, faz votos por um Novo Ano cheio de felicidades

TRIBUNA AGRÍCOLA

Os tratamentos em Fruticultura

Calendário para os meses de Outubro e Novembro

CITRINOS—Durante o mês de Outubro, principalmente se o tempo continuar favorável, devem prosseguir os tratamentos com dieldrine ou D.D.T. para evitar os ataques da mosca do Mediterrâneo. Os tratamentos devem suspender-se logo que o tempo comece a arrefecer. No mês de Novembro o maior perigo para os citrinos reside nos ataques de mildio ou aguado que podem comprometer toda a colheita do ano, a frutificação do ano seguinte e contribuir para o aparecimento de gomose no tronco. Quando se dá um ataque desta doença os frutos ficam moles, acastanhados, exalando um cheiro especial a perfume, sendo muito susceptíveis ao ataque de podridões secundárias tais como bolores verdes ou bolores azuis. As folhas atacadas apresentam-se acastanhadas e como que murchas. Devem efectuar-se tratamentos abundantes à copa e tronco com calda bordaleza ou cobres fixos (oxicloreto ou óxido cuproso) logo que o tempo arrefeça e haja períodos de chuva e nevoeiro. As oportunidades de ataque ocorrem em geral no mês de Novembro. Há necessidade de efectuar outros tratamentos preventivos a esta doença no princípio de Janeiro e em Março.

Os ratos do campo atacam durante este período a casca dos troncos devendo recorrer-se a tratamentos por meio de compostos à base de anticoagulantes ou iscos de sais de zinco, tálio ou fósforo.

POMOIDEAS—Nos meses

de Outubro e Novembro são praticamente nulas ou sem interesse as possibilidades de ataques de pragas e doenças. Durante o repouso vegetativo os tratamentos para combater as formas hibernantes de insectos e fungos só devem ser efectuados depois da queda das folhas.

PESSEGUEIROS E OUTRAS PRUNOIDEAS—Durante este período não devem ser efectuados quaisquer tratamentos, nos pessegueiros ou outras prunoideas.

FIGUEIRAS—Também nas figueiras não há normalmente necessidade de efectuar quaisquer tratamentos, durante este período.

NESPEREIRAS—A infecção de que resulta o *pedraito* das nespereiras pode ocorrer desde o mês de Outubro e continuar até ao momento em que as nêspereiras entram em maturação. São necessários, para defender os frutos e a folhagem, pelo menos três tratamentos durante todo este período. Deve recorrer-se a qualquer dos seguintes produtos fungicidas, em tratamentos preventivos: oxicloreto de cobre, óxido cuproso, enxofres molháveis, captane e misturas de oxicloreto e zineb. As pulverizações devem ser abundantes de forma a garantir uma boa cobertura de toda a árvore.

CULTURAS HORTÍCOLAS—Os ataques esporádicos que se possam verificar nas culturas hortícolas poderão ser combatidos segundo as técnicas que foram abordadas no n.º 231 do Serviço Informativo da J.N.F.

Porta-enxerto de MACIEIRA

Tal como se referiu para as pereiras é também o porta-enxerto obtido por semente das variedades de macieira, cultivadas ou espontâneas, o mais generalizado entre nós, apesar dos inconvenientes que o caracterizam. O porte, por vezes exagerado das árvores, além de não permitir o adensamento da cultura, dificulta e encarece enormemente os tratamentos fitossanitários, a colheita e a poda.

A falta de uniformidade das plantas obtidas por semente que tanto podem originar clones produtivos como de escassa ou nula produtividade, que iniciam a frutificação tanto ao 4.º ou 5.º ano como ao nono ou décimo, acarretam, só por si, prejuízos graves no rendimento de uma exploração bem conduzida.

Por tudo isto, se estão procurando, pôr de parte, principalmente quando as boas características do solo e do clima aliados ao interesse e boa vontade dos fruticultores permitem que tal substituição se faça.

b) Porta-enxertos seleccionados.

A Estação Experimental de East-Malling, tal como aconteceu para a pereira e restantes espécies, lançou no mercado uma gama de porta-enxertos obtidos por propagação vegetativa, que não enfermando dos defeitos dos porta-enxertos obtidos por semente, são no entanto mais exigentes que aqueles, no que respeita às características do terreno e clima e aos cuidados culturais a dispensar-lhe no decorrer de todo o seu ciclo vegetativo, não se compadecendo com o abandono a que normalmente são votadas as nossas fruteiras.

Têm estes porta-enxertos a vantagem de produzir árvores de menor porte, mais uniformes, de produção precoce, e de melhor qualidade.

O mediano ou pequeno porte, que normalmente os caracteriza torna possível o adensamento e a intensificação da cultura, que a moderna fruticultura reclama.

Os mais recomendáveis são por ordem de importância os seguintes:

E.M. II . . . vigoroso
E.M. VII . . . semi-ananiciente
E.M. IX . . . muito ananiciente

sendo o primeiro, o mais generalizado e o mais aconselhável para a generalidade das condições do nosso país.

Posteriormente a Estação de Malling-Merton obteve novas selecções, que não vindo, embora, precedidas da mesma experimentação, são no entanto aconselháveis,

Alimentação de Patos

Durante a primeira semana os patinhos devem receber seis refeições diariamente, constituídas por pão esboroadado molhado em leite, ovos cozidos finalmente picados, hortaliças tenras picadas, etc.

Uma mistura de farinhas de milho, de aveia finalmente pulverizada e peneirada, sêneas e farinha de carne e leite desnatado sêco pode ser-lhes dada com bons resultados.

As rações para os patos, humedecidas não exageradamente, são também convenientes.

Antes de fazer 15 dias de vida não devem ir para a água. Devem, no entanto, ter permanentemente água fresca e limpa à sua disposição, em bebedouros especiais que os impeçam de se molharem.

Depois da 1.ª semana as rações serão mais espaçadas e podem ser constituídas por diversas forragens farinadas, de alto valor alimentar, se desejarmos que os patos cresçam rapidamente e estejam prontos para consumo das 10 às 12 semanas.

Exemplos de rações:

I	
Farinha de milho . . .	1 parte
Sêneas	1 »
Farelo grosso	1 »
Farinha de carne . . .	15 %
Hostaliças	15 %
Farinha de casca de ostra	2 %

apresentando sobre aquelas, a vantagem de serem resistentes ao pulgão lanigero.

Dentre todas destacaremos as seguintes:

M. M. 104
M. M. 109
M. M. 111
M. M. 106

os três primeiros vigorosos e o último semi-ananiciente.

II	
Farelos	4 partes
Aveia ou cevada triturada	2 »
Farinha de carne ou de peixe	1 parte
Farinha de ossos ou de casca de ostra . .	1/4 »
Aveia fina	1/8 »
Verdura tenra	1 »

Depois de três semanas de idade podem dar-se batatas cozidas, cenouras, beterrabas, etc.

Duas rações de grão — uma de manhã e outra de tarde — e a administração de uma papa húmida — farinha de cereais (milho, aveia, cevada), sêneas, farinha de peixe, casca de ostra e verdura — em quantidade suficiente para saciar os patos, leva-os aos 3 meses a um peso que geralmente paga as despesas e dá lucro.

Geralmente são necessários 3,5 quilos de comida para produzir um quilograma de peso vivo pelo que os patos devem ser entregues para consumo, dos 2,5 aos 3 meses. Depois começam a efectuar uma muda parcial, emagrecendo então ou não respondendo relativamente ao peso da comida ingerida. Essa muda parcial é uma indicação para o sacrifício dos patos.

Se os patos não têm acesso à água corrente ou de lagos, é conveniente terem um tanque pouco profundo, mas pelo menos com 30 centímetros de água.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares



RELOJOARIA MAURÍCIO QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526 Braga



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO,'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

**** Meus caros amigos presentes e ausentes ****

O Natal, embora triste para nós, por causa dos acontecimentos de Goa, trouxe a Lago muitos dos seus ausentes. É a festa da família. Só é pena que o dia 24, marcado pela Igreja como dia de vigília, oração, penitência e jejum, se tenha mudado em dia de gula, no comer e no beber, para a maioria dos cristãos.

Baptizado

No dia 25 fez-se o baptizado de António do Nascimento Ribeiro Braga, filho dos senhores Manuel Lopes Braga e Francisca Lopes Ribeiro. Foram padrinhos António Lopes de Campos, residente no Porto, e Rosa Maria da Costa Araújo, de Lago.

Falecimentos

No dia 22 do corrente prestou contas a Deus Francisco Lúcio Veloso, casado com Maria Machado, do lugar da Ribeira. Era pedreiro e tinha 54 anos. O entêro fez-se em 24, às 10 horas, com missa de corpo presente e responsos. Deixou vários filhos, todos menores.

Em 25 do corrente faleceu Teresa Lopes, do lugar do Paço. Tinha 78 anos, era viúva de Domingos José de Campos e doméstica. Foi sepultada no cemitério de Lago, depois de ofício e missa de Corpo Presente.

Caminhos

Os ausentes que nos visitaram nas festas do Natal espantaram-se com o estado dos nossos caminhos, principalmente da Lagoa, Fonte Covas e Ribeira. Se as nossas Juntas de Freguesia tivessem tido elementos preponderantes do lado da Igreja a coisa seria outra. Infelizmente há dezenas de anos que as ditas Juntas tem sido constituídas só por homens vizinhos da estrada nacional, e estes, como não tem lama nem charcos à porta de casa, não se lembram do que sofrem os desprotegidos da sorte Coitados! Eles não são maus homens... O mal todo está em não serem obrigados a cair nos lameiros e nos charcos, e é por isso que os não vêem...

Recordai-vos de a corrente eléctrica ser levada até à escola. Pois ide lá contar as lampadas! Nem uma para amostra!! Para que levaram então lá a corrente eléctrica? Simplesmente para passar junto da casa de dois membros da Junta e a instalação lhes ficar mais barata. Não quero ofender com isto os homens; só quero dizer que, se eles fossem obrigados a passar na Lagoa, etc. todos os dias, estes caminhos já estavam calcetados. E nada mais.

Vosso: J. Moreira

Grémio da Lavoura de Amares

Amares, 26 — Com um empréstimo contraído na Junta de Colonização Interna e saldo próprio de gerências passadas, os escritórios e novos armazéns do Grémio da Lavoura foram iniciados em Amares no lugar dos Guiães. Os armazéns para o milho, que não existiam, tem a capacidade para 500 mil quilos facilitando muito a vida do produtor na rapidez da sua colocação. Como a obra é por administração directa não se pode fixar data aproximada de um funcionamento que só tinha vantagem na rapidez. Nenhum técnico se vê encarregado pelo Grémio para fiscalizar a obra e defender os interesses dos associados!

RENDUFE

Bem dispostos e com bom aspecto chegaram de França vários imigrantes para visitar as suas famílias. Uns para verem as noivas e alguns para mostrar os casacos de couro e as motorizadas. Com um ano de permanência a França manda-os à terra como figurinos: «Ce lá vie».

Vemos assim escoado o excedente demográfico disponível a abrir o apetite aos que por aqui ficam de reserva e reservados... pela idade com a tolerância das dificuldades quotidianas que encontra, principalmente, o trabalhador rural.

Mortos na Índia

O sr. Elísio Gonçalves encarregou o padre de Carrzedo de rezar uma missa pela alma dos soldados e civis caídos em Goa em defesa desse nosso sagrado Património. Ainda não foi marcado o dia do piedoso acto que fechará com uma esmola aos necessitados para sufragar as benditas almas que sofreram por nós.

Felicitemos o autor da nobre ideia.

Pároco de Carrzedo

Inpossibilidade por doença da assistência religiosa a freguesia de Besteiros, o padre e jornalista sr. Calisto Vieira, foi a mesma anexada a Carrzedo sem qualquer desvantagem para o cumprimento integral do *Munus religioso*.

Se está de parabéns o padre Duarte não devem deixar de estar também os habitantes de Besteiros.

É PRECISO tomar providências

Desde há tempos que o concelho, mormente a Vila e seus arredores, é batido por uma quadrilha que tem furtado grandes quantidades de animais. Processa-se o caso com uma frequência e um arrojado que trazem toda a gente sobressaltada e apreensiva.

Não há memória de tal coisa nem em tais proporções. Parece-nos que não foram tomadas providências, tanto assim que os últimos assaltos são tão próximos e descarados que a vigilância noturna levaria à descoberta do bando.

Mas urge tomar providências, encarar as coisas com rigor e severidade, agir a autoridade como lhe cumpre officiosamente dando nota de que o nosso concelho não é diferente dos outros.

Além do prejuízo e do sobressalto estes casos desmoralizam os bons e dão animo aos maos para tentarem a chance dado que tudo se pode fazer incólume.

Aqui fica a lembrança e a esperança de que será dada caça à quadrilha que nos desassossegava e rouba.

Venda de Madeiras

A Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia faz público que no dia 14 de Janeiro de 1962 se hão-de vender pelo maior lance oferecido, convindo à Mesa, diversos plantanos e Austrias grandes e outras madeiras. A casa Almeida & Silva Bouro, presta informações.

A Mesa

Missa de Sufrágico

No Santuario de Nossa Senhora da Abadia celebra-se uma missa pela alma de Carlos Augusto Gonçalves que foi Juiz desta Confraria, na proxima quinta-feira dia 4 de Janeiro pelas 9 e 30. Será celebrante o actual Juiz Sr. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha.

A Mesa

ANIVERSÁRIO

Passa terça-feira dia 2 de Janeiro o aniversário natalício o nosso particular amigo senhor Manuel Joaquim Rodrigues da Silva, residente em Lisboa.

Por tão alegre data seus pais, irmãos, irmãs, amigos e restante família, desejam-lhe muitas felicidades e uma longa vida, na companhia de sua esposa e filho.

Notícias para Angola

(Continuação da 1.ª página)

dade humana.

Nenhum pretexto tem servido de base para uma acção decisiva a tomar pelas Nações Unidas. A primeira atitude a tomar deveria ser a não aceitação da Rússia com seu membro assim como qualquer outra Nação que enfileirasse na sua doutrina de destruição. A segunda seria expulsar até pela força os dominadores da vontade Humana assim vemos a pobre Alemanha Oriental, a Hungria, Cuba e agora a nossa Índia e daqui a pouco até o Sr. Kenedey tem que aprender a comer salada russa. E depois, como as esperanças da liberdade estão todas fixadas na América do Norte, desaparecendo elas, a sinfonia será completa e a batuta de Moscovo vai reger a orquestra Mundial com os Estados Unidos, Inglaterra etc, a tocar violão, esse instrumento democrata que o sr. Kruschew ouvia sempre e tanto o comovia nas visitas amistosas que fazia aos países românticos e sonhadores da igualdade e fraternidade.

Ao terminar estas considerações não posso deixar de prestar homenagem à Tribuna Livre que vos leva as poucas notícias que vos posso dar através das suas colunas mas as suficientes para vos encorajar na difícil missão que estais a cumprir para defender o sagrado território português e até a própria liberdade. Que intimamente sintais aquela alegria que só é própria de quem sabe cumprir o seu dever e que os raios solares do ano de 1962 sejam o dispor morno da felicidade que todos defendemos, são os votos muito sinceros do autor destas notícias.

Elísio Gonçalves

Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones

INFORMAÇÃO

O JORNAL «Tribuna Livre», de Amares, no seu número de 14/10/61, publicou uma local em que alude à demora na entrega dos seus exemplares destinados a Lago.

Informa a Administração Geral dos CTT que os jornais chegam oportunamente ao posto de correio da localidade, tendo os atrasos origem no facto de não serem procurados pelos interessados com a devida regularidade.

O Chefe dos Serviços de Informações e Reclamações

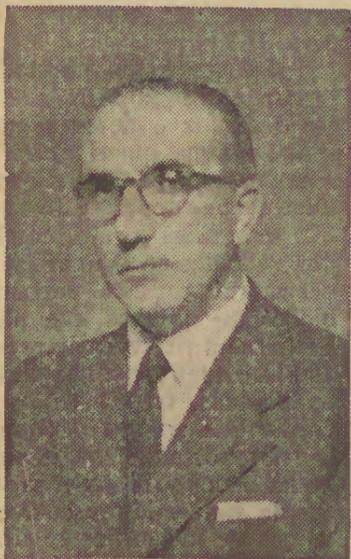
Aniversário Nupcial

Passa segunda feira, dia 1 de Janeiro, o seu primeiro Aniversário nupcial o nosso particular amigo e assinante deste semanário Snr, João Manuel Costa e Silva, residente na cidade do Porto.

Por tão faustosa data Tribuna Livre envia aqui as suas felicitações ao Snr. Silva e esposa, desejando-lhe que esta data se repita por muitos anos no maior amor conjugal.

Dr. Carlos Taxeira de Sousa

Faz hoje anos o sr. dr. Carlos Augusto Teixeira de Sousa, Subdirector da Alfândega de Lisboa e filho respeitadíssimo desta vila.



O distinto aniversariante goza entre nós do maior respeito e estima pelas altas qualidades que o exornam. Gostosamente lhe enviamos as nossas saudações com o desejo de um Ano Novo Feliz.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º- onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

Depois de vários colloquios com a cristã e grande comerciante Bebiã Vaz, investiram-na como cabeça de motim e para esse efeito aproveitaram o descontentamento de uma parte da guarnição local (devido à ixignidade do soldo e que nem sempre era pago em dia) que suboraram, e desde que se consideraram com força suficiente revoltaram-se em 1680.

Era Capitão-Mór, nessa ocasião, José Gonçalves de Oliveira, que havia sucedido, em 1685, a Gaspar da Fonseca Pacheco.

Essa autoridade—talvez já alquebrado pela idade e pelos serviços prestados, principalmente no Ultramar—não teve a força suficiente nem o necessário prestígio para dominar os lamentáveis acontecimentos que se produziram naquela Praça.

Os revoltosos venceram e humilharam a primeira autoridade, ao ponto de a prenderem e deportarem para Farim.

A prisão e deportação de José Gonçalves de Oliveira foi tão vespatória que o Governo do Reino se viu na dura necessidade de o destituir das suas altas funções da Capitania de Cacheu.

Foi nessa imergência que António de Barros Bezerra reassumiu, pela segunda vez, as funções de Capitão-Mór.

No desempenho da sua missão desenvolveu a sua proverbial actividade de forma a prestigiar a autoridade e a defender a Praça de possíveis e futuras arremetidas dos turbulentos tribos que viviam nas cercanias.

E, assim, no seu relatório, de 4 de Março de 1686, dirigido a El-Rei, afirmava que o sossêgo fora restabelecido em absoluto, mas, ao mesmo tempo, vincava bem que o comércio português estava completamente arruinado devido aos ingleses e franceses que infestavam e exploravam os Rios da Guiné com os seus navios e proclamavam que eram senhores e detentores de toda aquela Costa até ao Cabo da Boa Esperança.

Por carta de 26 de Junho de 1686, António de Barros Bezerra voltava a escrever a El-Rei, afirmando o informar de vários assuntos, concernentes àquela Conquista, e de que havia fortificado a Praça de Cacheu e reduzido, ao mesmo tempo, à obediência e ao quietismo o gentio daquela Região, livrando, assim, os moradores da vila e extorções e vixações.

Quanto ao comércio dizia que o considerava «perdido e arruinado», visto os ingleses e franceses—e estes mais do que aqueles—como anteriormente já havia frisado, teimarem, com os seus muitos navios, a infestar aquele Domínio, em virtude de se considerarem seguros (os franceses) por uma ordem do seu Rei (e da nossa impunidade...), em que o Monarca francês lhes assegurava que era Senhor Absoluto de

toda aquela Costa até ao Cabo da Boa Esperança.

E tão convencidos estavam os franceses dos seus direitos sobre aquele território que João de Lafuente, que era mandatário do Contrato e Comércio em toda aquela Costa, para persuadir António de Barros Bezerra lhe mostrara a referida ordem e foi ao ponto de lhe dar uma tradução em português que, na mesma ocasião, o denodado patriota a remetera a Sua Majestade, afirmando ficar bem ciente do que se passava naquele seu Domínio com os estrangeiros.

Era com essa Ordem nas mãos que os franceses se arrogavam senhores daquelas terras, por direitos que lhes não pertenciam, e pela força das armas usurpavam-nos o que tantos sacrifícios e vidas já até ali nos havia custado.

A Praça de Cacheu vivia só do comércio que os seus moradores faziam nos rios, portos, ilhas e continente, fora da barra, mas quando saiam para o Oceano, afirmavam percorrerem, nas suas frágeis embarcações, aquelas inhóspitas e traiçoeiras terras, era-lhes vedada a passagem pelos estrangeiros que os esperavam, propositadamente, com os seus navios, e os obrigavam a retroceder ao ponto de partida.

As autoridades viam-se manietadas perante a arrogância de tal gente, visto não disporem de Fortes, de embarcações de alto bordo nem de guarnição suficiente para lhes gritar com intrepidez e firmeza: — Aqui é Portugal!

A manifesta inferioridade da guarnição ali destacada e os meios apropriados para uma eficaz defesa, levava as autoridades locais a tratar os estrangeiros, como um pigmeu ao seu onipotente Senhor.

Não faltava, porém, aos portugueses, que lá se encontravam, a fibra necessária para mais

um épico feito, mas o que não tinham, em terras tão distantes, eram os meios de lhes impor, pela força, os seus direitos.

Cacheu via-se, assim, privado, até aqueles dias, do comércio que fazia para além da barra, de onde recebia os negros, marfim e cêra—quer de Bissau, de Geba, das ilhas dos Bijagós, do Rio de Nuno e, até, de alguns portos da Serra Leoa.

Mas desde que João de Lafuente e um seu irmão se apoderaram ilegalmente, pela força, de todos os portos e rios da Costa da Guiné, Cacheu principiou a decair até que chegou à mais extrema miséria, e os comerciantes, de braços cruzados, viam, dia a dia, desaparecer o seu negócio, em benefício de estranhos, e o seu futuro carregava-se de negros preságios.

A Capitania, por sua vez, era obrigada a enfrentar, cada vez em maior escala, os embaraços financeiros, visto os direitos decrescerem vertiginosamente na curva descendente e, assim, em pouco tempo atingiriam a sua expressão mais simples, pois os estrangeiros, sem o mínimo respeito pelas leis portuguesas, não pagavam os direitos da entrada e saída das suas respectivas mercadorias.

Como à força não podíamos responder com a força, os nossos direitos eram espézinados e escarnecidos e a nossa Soberania desantorizada e vscada.

Continua no próximo número
Porfúrio de Sousa

P.S.

Tenho conhecimento de que algumas pessoas da minha região—Goães—Amaros—desejam comunicar comigo, mas que não sabem onde residio.

Por amabilidade da «Tribuna Livre» indico a minha direcção:

Rua João Mendes-Bloco-3.º
n.º 6 -1.º D.to Viseu

Dois homens, um jornal

(Continuação da 1.ª página)

cias que não possam vencer-se e devidas aos seus inúmeros afazeres, que a sua figura pairará sempre como a do homem a quem muito é devido.

O concelho é muito fértil em pessoas que tudo alardeiam mas são de uma improdutibilidade confrangedora, servindo-lhe somente o diminuir o que de útil outros fazem. Mais de realçar o aparecimento de uma pessoa como é o editor deste periódico que graças a um trabalho persistente e bem orientado se tornou o fulcro de tudo que de concreto e grande aparece no concelho.

Daí o aparecimento da empresa que torna possível a publicação deste Jornal, indiferente aos seus débitos e créditos. A sua obra estende-se ainda por todas as instituições e a sequência de realizações mesmo de ordem

particular é de tal monta, que já se escreveu que o concelho todo dificilmente o igual.

A estes homens, com concretas realizações, devemos a publicação de um jornal que em todas as suas atitudes só procura a valorização do concelho e o prestígio de uma política servida desde sempre. Muita tenacidade é precisa num meio em que muitos se juntam para evitar a realização dos sonhos mais caros de interesse geral. Perdida a vergonha, desprezados os sentimentos mais elementares, tomam-se atitudes no sentido de evitar que se faça, mesmo aquilo que interessa a todos e a ninguém prejudica. Evitam-se as obras porque outrora nada se fez e é preciso não alterar o ambiente.

Os homens olham somente à sua ambição pessoal, tentam calar o seu despeito sem olharem a preço.

É por entre esta maneira

Ignominiosa Aventura de um selvagem

Continuação da 6.ª página

sombra do ramo de Oliveira e do manto de Gandhi aparece qual Bandido da montanha, a atacar a coberto da noite, tão escura quão escuros e depravados são os seus fígados de cão!

As grandes Potências lamentam mas os Cruzados de hoje não surgem! Deixa-se assim o famigerado cair sobre a presa inocente, e só Je paleio fiado e barato é que se auxilia um aliado, um amigo, um membro da deplorável e falecida ONU, que pouco mais tem feito de que fazer a guerra!

Para que serve a ONU? Para que servem as alianças, se aqueles que têm obrigação de nos defender, cobardamente metem o rabo dentro da porta e limitam-se a lamentar, como se com tais lamentos nos queiram ludibriar, ou convencer de que são nossos amigos?

O Português, o Povo que desvendará o abismo dos mares, e abrirá a Europa o caminho por que todos os povos deste Continente ansiavam, mas que nenhum, senão o Português teve habilidade para o fazer, já não tem os olhos fechados. Há cinco séculos que servira para arregalar os olhos a todo o Ocidente. Não se fia jamais em cantigas de farsantes que apenas dão com a língua no dente, não se apercebendo do grande e monstruoso abismo que estão a cavar, o qual constituirá, cedo ou tarde, o seu enterro.

Já sabíamos que assim iria acontecer, num Conselho de Segurança onde só o Urso da Estepe e meia dúzia de Prêtos sabem dar patadas e guinchos de animalejo! Mas os Senhores que se dizem a nosso lado, não abandonam a de ser e de agir que se caminha. Realizar, assim, é mais difícil. Mas é mais apreciado e tem mais valor.

Temos a certeza de que os homens hoje celebrados continuarão com a sua actividade produtiva e útil para que a sociedade não sossobre ao peso do inerte.

Feliz o concelho que pode contar entre os seus quem tão dedicada e devotamente se lhe entrega, quem superior a pessoalismos doentios continua a senda dos actos dignos.

E se aqueles que carcomidos, vencidos por uma velhice permatura, causada por ambições mesquinhas que não conseguem realizar, tivessem tempo e apetite para analisar os homens, teriam de concordar que ao seu declínio, se sobrepõe aqueles que ainda há bem pouco eram rapazes de futuro imprescutável, moços de insignificante eira, hoje são espíritos bem formados, actividades indomáveis, patrimónios dos mais prósperos e maiores.

«Tribuna Livre» tem, pois, a obrigação de saudar os homens que a iniciaram e continuaram e de se felicitar pelos seus êxitos. Assim o faz.

Salada Russa nem os Comedores do Pirão!

Para onde o mundo caminha, e para onde caminha o Ocidente que dorme a solto embalado no corêdo Urso do gelo!

Terra bendita, Berço de heróis em que poder não tem a morte, e de que tão nobres exemplos enches o mundo! Como gotejam de sangue estes olhos e este coração por te ver ferida no mais íntimo da Tua Alma, no teu nobre e inatungível sentimento Lusíada!

Heróicos rapazes, meus irmãos e meus amigos a quem as portas do auxílio foram vedadas, e tão Portuguesmente voastes ao Céu empunhado a arma da honra, do heroísmo e do martírio!

Curvam-se os meus olhos e rende-se a minha alma ante a generosidade e o sacrifício do vosso sangue, desse Sangue nobre e Lusitano que inspirou os nossos egrégios desde Gama a Albuquerque, e desde há cinco séculos à monstruosa chacina dos nossos dias, empreendida pela mais vil, pela mais nojenta das criaturas tão primitiva, que em pleno século vinte se lança na campanha ingénua das conquistas, e que só de máscara, mas a máscara da morte, deveria aparecer na sociedade das nações, (só nas pretas), depois de tão estrondosa como nefanda queda!

Goa, Damão e Diu, as três Estrelas do Oriente que Deus colocara como baluarte sagrado Império das Quinas no Indústão, a sagrada Terra de Albuquerque, de Almeida e de Francisco Xavier, tombára sob as hostes infernais dum monstruoso Pândita, do assassino que descera à baixaza de cão, empurrado pelo caçador urso moscovita, monstro da selva que nunca soubera ser gente para não passar de urso!

País dividido de cães e corbades, de selváticos e de indecentes! Ganhastes um osso, mas para isso, rastejastes como a serpente! Com armas miseráveis manchastes o sangue Lusitano que soube morrer de pé, como só sabe morrer o soldado Português! Com a vossa horda de cães famintos, manchastes para sempre a miserável história de um país dividido e cobarde!

Cobriste-te de glória? Não! Jogaste nas mãos de animalejos saídos da caverna, não passarás de um falhado a que não resta mais, que voltar à cubata e à tanga para não dizer à matilha imbecil donde saíste!

Olha por ti abaixo! Terás duas caras! Vê se haverá maior baixaza para um homem! Que digo eu?... Ofensa imperdável para todos os homens!

Goa caíra! O Sangue Português brada aos Céus, porque é sangue de inocentes! É sangue de Heróis! Não tardará, país de víboras, que este Sangue seja vingado! E a Bandeira das Quinas Triunfará!

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURC

Sociólogos latinoamericanos na Alemanha

Uma das mais belas cidades da República Federal da Alemanha, Heidelberg, foi a última etapa da viagem pela Alemanha de quinze sociólogos latinoamericanos, entre eles professores universitários chilenos, mexicanos, brasileiros, venezolanos, colombianos, peruanos e do Porto Rico. À convite da conferência dos Reitores das Universidades da Alemanha Ocidental tinham participado no 1.º Colóquio Ultramarino na Cidade de Münster. Em seguida estiveram em Berlim onde, durante dois dias, observaram a situação trágica da cidade cindida por medidas absolutamente arbitrarias dos dirigentes soviéticos.

Via Francfort, o grande centro comercial e bancário, os cientistas e investigadores iberoamericanos chegaram a Heidelberg, onde foram recebidos na cave de vinhos do Palácio de Heidelberg, situada num monte densamente arborizado, acima da cidade romântica com a sua célebre universidade. Os edifícios em estilo Renascença Alemã, reduzidos no século XVII a ruínas, circundam o pátio interior, iluminado quando da recepção da delegação Iberoamericana por filas de tochas. O Burgomestre de Heidelberg apontou nas suas palavras de boas vindas a importância crescente da sociologia cujo desenvolvimento nas universidades latinoamericanas é impressionante. O Burgomestre terminou exprimindo o desejo que os hóspedes levassem consigo um pouco do fluido peculiar da cidade, em cuja universidade estão inscritos 1.500 estudantes estrangeiros, entre eles evidentemente também muitos centro — e sulamericanos.

Depois de o Professor Calvani, de Caracas, ter agradecido em nome dos hóspedes, o Professor Manuel Garamendi, da Universidade Nacional do México, falou em Alemão fluente, lembrando episódios dos seus anos de estudos na Alemanha. O Professor Garamendi realçou que justamente Heidelberg exerce forte atracção sobre os universitários latinoamericanos por ser a cidade onde Alfred e Max Weber, assim como Gustav Radbruch tiveram as suas cátedras.

A visita dos hóspedes terminou com um jantar dado pelo Presidente da Conferência dos Reitores das Universidades da Alemanha Ocidental. Nos numerosos discursos esteve em evidência a oratória iberoamericana. O Professor Gilberto Freyre, da Uni-

versidade do Recife, realçou em palavras cheias de humorismo a hospitalidade alemã, referindo-se à cozinha alemã como perito, pois declarou-se autor de um autêntico livro de receitas brasileiras. O Professor Gilberto Freyre sublinhou que o Colóquio Ultramarino e a viagem através da Alemanha constituía um êxito do bom entendimento. O Reitor da Universidade de Heidelberg pronunciou o seu brinde em espanhol, enquanto o professor chileno Ruiz-Bourgeois falou da beleza romântica da cidade hospitaleira. Foram calorosamente aplaudidas as palavras do Burgomestre de Heidelberg que, ao agradecer, designou a sua cidade de um «pedaço do mundo» que sempre recebia com o maior prazer amigos da América Latina.

Terminou assim uma demonstração do bom entendimento e da cooperação entre a República Federal da Alemanha e a América Ibérica.

SANTA LUZIA — VASCONCELOS

(Continuação da 1.ª página)

Parece que esta romaria só tem graça com os ribeiros a transbordar e os caminhos encharcados que só nos permitem caminhar em bicos de pés; e tudo é bonito ali assim mudo e com vida.

Brilha a Santa na vetusta Ermida, brilham as águas cristalinas nos ribeiros e na lima das ervas, brilha o musgo das ruínas históricas dos Vasconcelos, brilham os tapetes da erva fresca dos campos ribeirinhos, brilham os enfeitos e rizadas cristalinas das moças com os seus namorados, brilham os copos do verde a saltar servido em volta do pipo no meio do campo a que se vem juntar duas ou três croas de castanhas «quentinhas e boas freguês», e é um regalo. Que ricos doces aqueles, que sabor elas ali têm, naquela paisagem, naquele ambiente.

Jogam os pinhões os namorados, apresentam ali todas as suas prendas do Natal, e é o fato novo, a prenda do padrinho, as lembranças do menino Jesus. Ali se vão mostrar os que vieram de fora passar a festa com a família, cada um ostentando o melhor do seu vestuário e das suas jóias, metendo cobiça aos que por cá moureijam.

Assim acontece que ao

O EXCESSO prejudica sempre

(Continuação da 1.ª página)

de e de belo na consciência humana, vivendo continuamente enclausurado na prisão dourada do seu egoísmo, tantas vezes inútil.

Quanto à alimentação, a melhor é ainda a mais simples, oportunamente doseada a variada mas nunca por sistema complicada. Comer demasiado deve fazer tanto mal como, pelo menos, comer pouco e o melhor antídoto contra a falta de apetite, se esta não for resultante de doenças, evidentemente, é ainda o salutar e velhíssimo remédio do jejum ou das refeições frugais, medida que é sobretudo acertada para aqueles que já atingiram a idade em que o organismo ultrapassou o período sempre grave e delicado da formação. O equilíbrio não está nos extremos, na geometria da vida corrente. Até o progresso é mau se não for convenientemente alicerçado e se não ficar submetido à luz esclarecedora da justiça e da razão ao serviço do Bem!

cheiro palpitante da canela dos formigos e da aletria se vem misturar o espírito do cravo da nossa rapariga do campo, e o de raras e cenciais das perfumarias de Paris.

Mas tudo é festa e tudo isto é encantador. Há fé nestes povos, ela uma tradição longínqua e romota nestas gentes, e ela é tão velha que nos vem do tempo dos reais senhores de Vasconcelos, pois é certo que aquelas ruínas cobertas de musgo estão ligadas à Ermida da Milagrosa Santa Luzia pela história.

Graças aos milagres desta Veneranda Santa, e eles são tantos, e a devoção do povo, foi sempre conservada a Ermida e ali promovidos os actos do culto, o mesmo não acontecendo com o castelo que se foi arruinando por inércia dos governantes e pela acção demolidora do tempo.

Tornados já imóveis de interesse Nacional, preve-se para breve a sua defesa, e reconstrução.

Um grande passo para valorizar essas ruínas que são uma das maiores relíquias concelhias, vai ser a construção da estrada que ali vai passar e que muito mais vai tornar conhecido este recanto e estas pedras donde descendem homens dos mais célebres na história da Pátria, Os Vasconcelos,

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação da 1.ª página)

só o trato mas também a leveza do arranjo das próprias lojas comerciais.

Tinham almoçado num pequeno restaurante uma refeição ligeira ao meio dia, muito frequentado por senhoras e Cecília foi apresentada a algumas delas das relações antigas de Natália.

Começava aquela a sentir-se atraída por aquele meio, onde as distrações eram variadíssimas e se vivia uma vida livre de intrigas e maledicência que presenciava na pequenina aldeia.

Era uma afeição que não desejava para não perder também o amor à casa onde nascera.

A luta era grande e parecia querer tornar-se caprichosa e invencível, mas ela sabia resistir. Gostar, admirar a cidade observar os seus costumes e hábitos não significava abdicar do seu lar. Recalcitrava consigo mesma e dominava-se fazendo prepassar na sua mente os encantos da aldeia porque os possuía também.

Voltaram para casa tarde, cheias de embrulhos. Cecília não se esqueceu de comprar lembranças que estimariam as pessoas a quem eram destinadas. Já eram passados quinze dias que Cecília se encontrava em Lisboa, quando recebeu uma carta do pai pedindo-lhe para regressar imediatamente pois a mãe encontrava-se bastante doente e suplicava a sua presença. Ficou assustadíssima e atabalhoadamente meteu na sua mala de viagem o que lhe era mais indispensável e dirigiu-se à estação do caminho de ferro e seguiu às 6 horas no comboio rápido. Ia com o coração em ansias e rogava a Deus que não fosse de gravidade o estado da mãe a quem tanto adorava. Só a ideia de a perder transtornava-a por completo. Dava-lhe a impressão que a viagem nunca mais tinha fim. Quando chegou ao Porto e tomou o comboio que a devia levar à Vila sentiu-se mais calma. Uma vez ali saiu e tomou a camionete. Quando chegou à aldeia tinha à sua espera dois criados para transportarem a bagagem que se resumia numa simples mala, pois tinha combinado com Natália que se a doença da mãe fosse prolongada lhe remeteria a restante roupa que deixara.

Correu apressadamente para casa e encontrou logo à entrada os braços abertos do pai que a enlaçou e a beijou tão carinhosamente que não pode conter as lágrimas e nem tampouco articular uma palavra tal era a emoção. Só daí a momentos perguntou:

— A mãe?...

— Não está melhor. Temperatura muito alta, dores intensas nas costas e um mal es-

tar geral. O médico diagnosticou uma pneumonia, mas tem esperanças em curá-la. Não imaginas a minha aflição. Sozinho, sem ter uma pessoa amiga com quem desabafar. Quem tem valido um pouco é a Maria que não arreda pé da beira dela.

Foram seguindo os dois para o quarto de D. Natércia. Encontrava-se no leito os olhos vidrados e o rosto febril. A filha sentou-se junto dela, beijou-a enternecidamente e puxou-a bem para si como se fosse um tesouro que lhe pretendesse fugir e disse-lhe:

— Como tenho sentido a tua falta Cecília!... Julguei morrer sem voltar a verte. Não sais mais da minha beira. Encontro-me tão mal!...

— Mas sente-se pior mãe?... E Cecília afagava-lhe os cabelos e puxava-lhe a roupa para cima para a defender do frio. —

— Na mesma. Uma dor profunda do lado esquerdo e um grande mal estar. Não durmo e não encontro posição. Não estou bem de maneira alguma. Tenho a impressão que vou morrer.

— Oh, mãe não diga isso que me aflige tanto. Deus há-de valer-nos. Ele é tão seu amigo!...

— E é por essa razão que querera levar-me para junto de si. E quem sabe se para me poupar a grandes desgostos. Escuta, minha filha: Se a morte nos liberta da vida que felicidade a nossa. Na eternidade deve haver movimento e variedade, porque se assim não fosse o repouso eterno seria o cansaço e não seria então a ventura celestial. Um dos prazeres da eternidade será concerteza juntarmo-nos todos sob a protecção da divindade.

— Para que pensa nisso mãesinha?... Deus conservá-la-há entre nós durante muito tempo.

(Continua no próximo número)

HUMORISMO

NA BARBEARIA
CABELO À ONU

—Corta os Brancos.
—Deixa ficar os Pretos...
—E não toca nos Russos.

CASA ALUGA-SE

OS FUNDOS DA CASA DO POVO-FEIRA NOVA

Podendo servir para qualquer negócio ou indústria

= RENDA BARATA =

Tribuna Desportiva

1.º F. C. Nuremberga contra o Benfica

Um clube de longa tradição com uma equipa já celebre Oito vezes campeão da Alemanha

No segundo jogo contra o campeão da Turquia Fenerbahca Istambui o campeão da Alemanha, 1.º F. C. Nuremberga qualificou-se para os quartos de finais da Copa da Europa. O sorteio indicou como seu adversário o Benfica, de Lisboa, detentor do trofeu.

O Primeiro Clube de Futebol de Nuremberga, designado geralmente de o «Clube» é um dos mais antigos clubes de futebol da Alemanha, muito rico em tradições. Foi fundado no ano de 1900 por um grupo de jovens entusiastas, numa época em que o futebol ainda não contava muitos adeptos e estava longe de ser um desporto popular. Um ano mais tarde a jovem equipa conquistou a sua primeira vitória num campeonato, a primeira numa longa série de encontros realizados no decorrer de sessenta anos. Em 1920 o «Clube» ganhou pela primeira vez o campeonato da Alemanha. De aí até 1930 o «Clube» teve o seu período áureo, no qual firmou a sua posição de destaque no futebol alemão. Uma das figuras de maior relevo dessa época foi o guarda-redes internacional Heiner Sanfaut. O F. C. Nuremberga, que conquistou numerosos títulos regionais, conquistou duas vezes a Copa da Alemanha e conseguiu chegar nada menos de 22 vezes à final do cam-

peonato alemão, ganhando oito vezes. Não há nenhum clube de futebol alemão que possa orgulhar-se de êxitos semelhantes.

O «Clube» já forneceu nada menos de 29 jogadores à equipa nacional alemã. Um dos mais conhecidos entre eles é o avançado-médio Max Morlock, que representou o seu país vinte-e-seis vezes em desafios internacionais. Apesar dos seus trinta-e-seis anos Morlock, jogador de grande talento, é a alma do ataque.

É provável que jogue tanto em Lisboa como em Nuremberga.

Entre os jovens do «Clube» cumpre destacar Ferdinand Wenauer e o avançado-centro Heinz Strehl que, apesar de muito jovens, já figuram entre os melhores jogadores da República Federal da Alemanha. Sem dúvida desempenharão papeis importantes no jogo contra o campeão português. O guarda-redes Wabra, os defesas Derbfuss e Hilpert, assim como os médios Zenger e Reisch e os avançados Flachenecker, Wild e Gettinger formam com os jogadores já citados um conjunto harmonioso e de grande coesão cujo motor continua a ser Max Morlock.

Os adeptos do futebol na Alemanha Ocidental aguardam os jogos entre o campeão português e o campeão ale-

Ignominiosa Aventura de um Selvagem

O mundo inteiro debruça-se sobre o sagrado rincão Lusitano do Oriente, mais uma vez regado pelo sangue de mártires nossos irmãos, juncado de cadáveres de heróis e de Santos de uma Pátria horrivelmente traída e retalhada no mais Sagrado dos sentimentos pelas feras da impiedade, pelos sequazes de satanás, por ferinos e selvagens que ainda há poucos anos não sabiam mais que dar urros, misturados com as feras vorazes e sanguinárias!

Goa, a «Pérola do Oriente», o sacriário vivo da Cristandade e da Civilização Lusitana, caíra nas mãos dos famigerados antropófagos de um sem-vergonha, cuja cobardia ascende e ultrapassa as raias da impiedade e da injustiça!

Assassino, selvático coração de víbora infame e covarde, que para pisar a pobre, inofensiva e diligente formiga Lusitana, busca a calada da noite, costume selvático dos que apunhalam pelas costas, e não tem vergonha de sujar um nome de si já tão nojento e infame, apenas

mão com grande expectativa. Referindo-se à vitória sobre o campeão da Turquia, o reporter de um grande jornal alemão escreveu: «Os jogadores de Nuremberga terão de jogar com muito maior rendimento caso se queiram afirmar em face do Benfica de Lisboa, um adversário de muito mais alta categoria». O comentário termina com as palavras: «... quando o árbitro deu o jogo por terminado, manifestou-se menor satisfação com os noventa minutos de jogo terminados do que com os futuros noventa minutos de jogo no futuro encontro com o Benfica.»

porque a sua língua de cão lazarento não tem competência nem moral para se levantar contra o poderio de um vizinho que o ataca, vale-se, com maneiras nojentas, sarcásticas e impróprias do século e de povos civilizados, para atacar um Povo pacífico e crente, apenas por este ser Português, o Português que o fôra chamar da toca para lhe dizer que vestisse o corpo e deixasse de comer raízes e ervas, um Povo que lhe levá- ra a esmola da palavra e da Civilização, para, volvidos 5 séculos, voltando à caverna donde saíra, se fazer chefiar pelo mais pérfido dos hipó-

critas, o primitivo macaco de toca, sem vergonha de passar aos olhos do Mundo Civilizado, pelo curraço da humanidade, se é que pertence ao género humano!

De novo o sangue Lusitano rega as terras abençoadas do Indústão, de novo a costa do Malabar é testemunho da luta cerrada que o Português sabe travar para defender a sua honra e a sua Bandeira que o sangue Lusitano tingira da sua própria cô!

De novo o «Flagelo de Deus», o terrível Átila encarnado no facínora Nehru, que longos anos se acolhera à

(Continua na 4.ª página)

Maldição e Glória

Maldito seja Nehru
No inferno sepultado,
Às contas com belzebu
Eternamente chuçado...

Por covarde e traçoeiro,
Como noturno bandido,
Seja no eterno brazeiro
Perpétuamente fundido...

E com êle essa perversa
Nova torre de babel,
Seja pra sempre submersa
No caldeirão de subel...

8 &

E que «A voz do Ocidente»,
Que em Jesus Cristo inda crê,
Leve a Luz a tanta gente
Que tem olhos mas não vê!

Aos que tombaram lutando
Glória eterna lá nos Céus;
Aos que ficaram chorando
Todas as benções de Deus...

21 de Dezembro de 1961

UERBA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

espreitava; e demais destes dois fidalgos que destas duas saídas foram eles testemunhas de vista, se contaram outras em Almeirim, mais notáveis mais de menos certeza, e assim se deixam de dizer.

Trazia a Rainha tão atravessada na alma a passagem de El-Rei, que a Berbéria e as desaventuras que dali se haviam de seguir, não só estorvou em vida por todas as partes e vias que pôde, mas, entrando no artículo da morte não perdia estes males do sentido e, estando já com a vista quebrada, repetia muitas vezes estas palavras: «oh não passe S. A., em nenhum modo passe à Berbéria; aconselhai que não passe, que o mesmo fiz eu sempre e faço agora; oh não passe que não convém.»

E, repetindo, isto muitas vezes antes de expirar, mostrou quanto atravessada levava na garganta a destruição do Reino que tão depressa se seguiu, e por ventura que não fora e Deus a não levava em tão trabalhosa conjuntura como levou, sendo já a Batalha de Aljubarrota.

E, andando cada qual com a sorte do cativo que a ventura lhe oferecia, encontrou-se D. Rodrigo de Melo, herdeiro da casa de Tentúgal, com D. Jorge de Menezes e Cantanhede que trazia no arçã um pichel de água, de que lhe pediu uma pouca por se ver afogado em pó, calma e sede; estando D. Jorge a dar-lhe água por sua mão, veio um pelouro que o tomou por baixo do olho esquerdo com tal ímpeto que logo seus miolos deram pelos peitos a D. Jorge. E, caindo-lhe deu com a cabeça na cexa direita deixando-lha muito ensanguentada.

E, indo por diante, encontrou em pouco espaço a D. Rodrigo

de Sousa, filho de D. Diogo de Sousa, que vendo-lhe o pichel e vindo com a mesma necessidade, se socorreu a D. Jorge que lhe quis dar por sua mão de beber; e, estando a dar-lha, veio outro pelouro que tomou a D. Rodrigo pelo mesmo olho esquerdo e ao cair morto tornou a ensanguentar a D. Jorge a perna, de que, lastimado, arremecou o pichel no chão, tendo aquilo por infeliz agouro.

Cap. XXII — dos aprestos que El-Rei D. Sebastião mandou fazer na Flandres e Alemanha para a jornada de África e do que valiam naquele tempo as dobras e coroas neste Reino.

Mandou El-Rei a D. Nuno Alvares Pereira, a prestar coisas necessárias para a jornada de África e deu-lhe um poder amplo e bastante para tomar a câmbio 4000. tts. a razão de 8 por 100 e consignar os pagamentos na pimenta e drogas da Índia na forma que bem lhe parecesse; e assim lhe dava poder para rescindir o contrato que El-Rei havia feito com Conrado Roche Natael Jung, de 22 quintais de pimenta por tres anos, dando ele seu consentimento a este contrato e dá-lo em contratar com outras pessoas que bem lhe parecesse, por sua carta feita em Lisboa a 11 de Dezembro. Mandou-lhe El-Rei que intentasse fazer em Alemanha contrato sobre uma grande cópia de trigo bom e em bom preço, encomendando-lhe dois mil quintais de pólvora, mil de bombarda e mil de arcabus; cópia de salitre, quinhentos mosquetes solteiros de Artilharia que quisessem viver em Portugal e fossem católicos e tratassem com Latanel, correspondente, sobre fazer vir 60 bombardeiros dextros, de campanha, que se pudessem fazer condestáveis; que tentasse o modo mais acomodado de haver mestres, e em breve avisassem; e também o que fosse bom fazer no contrato por instrução de El-Rei feita em Lisboa em 21 de Janeiro, o que se mandou vir de Flandres e Alemanha para a jornada, de toucinho 30 quintais, de resina e de rações 1.500 quintais, de farinha e trigo 600 barris, 6 peças de artilharia de campo com seus reparos, 6 para se imitarem, 20 pelouros de ferro coado para estas peças, 60 rodas de reparos ferrados de raios de sua ferragem para reparos da artilharia, conforme as de cima que de lá haviam de vir, que deviam ser fortes conforme o uso de Alemanha; 40 eixos para estas rodas, 60 fa-

(CONTINUA)